

Freud visto pelos marxistas

Que o mundo está em rápida transformação não é novidade. Fala-se muito na falência das ideologias e tudo que pareça mais antigo do que o efêmero. A psicanálise e o marxismo, principalmente, estão nesta lista negra.

As transformações que vêm ocorrendo no mundo inteiro - na vida política, nas instituições, na cultura e nas chamadas mentalidades, nos valores éticos e até na fantasia das pessoas - não podiam deixar de repercutir na psicanálise.

E os psicanalistas vêm reagindo com bastante coragem intelectual e razoável disposição autocrítica em relação às dificuldades com que se defrontam (como qualquer um de nós) para se adaptar aos desafios trazidos - em ritmo tão vertiginoso! - pelos novos tempos.

A área da atividade dos psicanalistas não podia permanecer imune à crise que caracteriza mudanças bruscas como as que ora se desencadeiam. Quando a modificação das condições de existência se acelera e começa a envolver todos os hábitos, todas as tradições, os seres humanos se sentem naturalmente inseguros e são levados a se interrogar a respeito das suas "verdades", isto é, a respeito das idéias em que têm se apoiado até então.

Com o marxismo também está mergulhado na crise, eu, na minha condição de marxista, tenho sido procurado por psicanalistas - amigos e conhecidos - para trocar idéias e impressões acerca das revisões que devem ser empreendidas. E eles indagam de mim, sempre, como o marxismo tem encarado a psicanálise. Procuram saber, em especial, como o marxismo tem avaliado a ligação da psicanálise com a história. Em que medida os marxistas têm reconhecido a força da psicanálise como matriz de reconhecimento importantes? Em que medida eles a tem considerado "alienada"?

E eu tenho respondido: os marxistas costumam divergir muito - mas muito mesmo! - uns dos outros.

Vou me limitar a um exemplo, extraído do meu campo de trabalho. Tenho me ocupado, ao longo de mais de três décadas, das idéias de alguns marxistas dos anos vinte e trinta; e me dei conta da extraordinária diversidade de pontos de vista que podem ser encontrados entre eles. Também em relação à psicanálise, eles emitem juízos significativamente distintos.

Ainda que deixemos de lado as expressões do marxismo-leninismo mais "ortodoxo", mais apegado à injunções imediatas da militância comunista, e se fixemos em pensadores mais vigorosamente originais em suas respectivas referências sobre a história, vamos encontrar com uma curiosa diversidade de enfoque da psicanálise.

Pensemos em cinco filósofos que viveram na mesma época, que combicionavam motivações revolucionárias marxistas com uma acentuada preocupação com as questões da subjetividade: o húngaro Georg Lukács, o italiano Antonio Gramsci, o inglês Christopher Caudwell e os alemães Ernst Bloch e Walter Benjamin.

Lukács, que dirigiu a política educacional e a política cultural no curto período da Comunidade Húngara, abriu espaço na Universidade de Budapeste para o ensino das teorias de Freud. Após a derrota da Comunidade, no exílio, em Viena, escreveu numa publicação comunista um artigo no qual se referia a Freud como um "pesquisador honesto", "de grandes méritos", cujas teorias representavam certo "a-



vanço em relação à psicologia estabelecida", embora pudessem conduzir a equívocos, na medida em que partiam da situação dos homens isolados no capitalismo e a consideravam uma situação "natural".

Antonio Gramsci, o pensa-

Em que medida os marxistas têm reconhecido a força da psicanálise como matriz de conhecimentos importantes?

ador italiano encarcerado por Mussolini, teórico do marxismo entendido como um "historicismo absoluto", reconheceu quem jamais pudera estudar Freud, que só pudera ler sobre a psicanálise alguns artigos da revista. Sabendo que sua mulher, Giulia, estava a caminho do divã, escreveu à cunhada, Tatiana: "É possível que Giulia tire proveito de um tratamento psicanalítico, se a doença dela tem uma origem puramente nervosa. Por mim, acredito que, mais do que a psicanálise, o que conta é o médico". E mais adiante: "É possível que a psicanálise seja mais concreta do que a velha psiquiatria; ou, ao menos, que leve os médicos a estudar mais concretamente as pessoas que adoecem, isto é, a enxergar o doente e não a 'doença' (carta de 31-8-1931). Depois que Giulia se declarou descrente em relação à psicanálise, Gramsci lhe escreveu: "Também estou contente com o fato de que você não tenha mais uma fixação no tratamento psicanalítico, que, pelo

pouco que posso julgar, no estado atual dos meus conhecimentos, me parece demasiado embebido de charlatanismo" (carta de 18-7-1932).

Nos *Cadernos do cárcere* há múltiplos indícios não só

de um certo mal-estar do pensador italiano diante da psicanálise como também da sua indecisão na hora de dar fundamentação às suas críticas. Num fragmento, Gramsci acusava: Freud "regressou a uma forma de sensorialismo ainda mais misterioso que o do século XVIII". Em outro, lamentava que a psicanálise criticasse o controle dos instintos de um ponto de vista "iluminista", baseado numa nova versão do mito do "hom selvagem". Num terceiro fragmento, apontou, apreensivo, a ligação entre Freud e Schopenhauer. E, mais adiante, sustentou que a psicanálise, lidando com complicações psicológicas de pessoas possuídas por "remorsos", tinha pouco a ver com os pobres: "o freudismo é mais uma 'ciência' a ser aplicada às classes superiores".

Christopher Caudwell, pouco antes de morrer na Espanha (defendendo a república de armas na mão), escreveu sobre o fundador da psicanálise um ensaio que come-

çava com as seguintes palavras: "Freud certamente será lembrado e honrado como um dos pioneiros da psicologia científica. Mas é provável que, tal como Kleper, ele venha a ser considerado um cientista que descobriu fatos empíricos importantes porém foi incapaz de sintetizar suas descobertas, a não ser em termos primitivos, semimágicos. "A psicologia ainda está esperando o seu Newton", afirmou o ensaísta britânico.

Freud foi elogiado por Caldwell como um "materialista" que tinha "clara consciência do conteúdo ilusório da religião", mas permanecia preso aos horizontes de sua classe, a burguesia. Sua mais grave limitação burguesa estaria no fato de não ter compreendido - segundo o marxista inglês - que a psicologia só podia se fundar na sociologia ("Sociology is the foundation of psychology").

Freud foi elogiado por Caudwell como um "materialista" que tinha "clara consciência do conteúdo ilusório da religião"

sustentou o combativo revolucionário, endossando aquilo que no início deste artigo procurei caracterizar como "imperialismo sociológico".

Ernest Bloch falou muito em "latência", em "preconsciência" e em "conteúdo manifesto", servindo-se de uma linguagem cuja ressonância lembra muito a termi-

nologia freudiana. No entanto, Bloch criticou incisivamente Freud, acusando-o de ter concebido o inconsciente como "aquilo onde algo só pode ser remetido para trás", como "algo baixado a um porão e so ali encontrável". Sempre voltado para o futuro, o autor do *Princípio Esperança* insurgiu-se contra a concepção freudiana do inconsciente: no inconsciente, tal como Freud o entendeu, só haveria passado acumulado, segundo Bloch. "Não há nada de novo".

Por fim, para completar o quinteto que adotamos como exemplo, temos Walter Benjamin. Ele e Bloch foram amigos, chegaram até a fumar haxixe juntos, mas viam a psicanálise de ângulos completamente diferentes. Para Benjamin, a objeção feita por Bloch não fazia sentido, porque a chave do por-*vir* (obsessão Bloch) está no que somos; e o que somos nos remete ao

Freud lhe aparecia, naturalmente, como um aliado no esforço para repelir os esquemas que a ideologia dominante nos inculca, nas condições de vida que o capitalismo nos impõe.

Sérgio Paulo Rouanet - num ensaio cujo subtítulo é "itinerários freudianos em Walter Benjamin" - já chamou a atenção para as afinidades existentes entre Freud e Benjamin. Freud se interessou por fenômenos que os cientistas mais "respeitáveis" do seu tempo consideravam desprezíveis: sonhos, (o "lixo" dos psiquismo). Benjamin se interessava por prostitutas, ilustrações de livros infantis, galerias comerciais decadentes, alucinações e tudo que pudesse escapar ao "universo carcerário" a que chegamos.

Segundo Benjamin, somos induzidos a ver a história como um movimento contínuo, chamado "progresso". Nas condições criadas pelo mercado capitalista supercompetitivo, somos de tal maneira bombardeados por toda espécie de "choques" que a nossa sensibilidade fica meio anestesiada, se adapta à necessidade de "neutralizar" a proliferação dos impactos. Nossas experiências se simplificam empobrecendo e nós vamos deixando de conseguir transmitir as diferenças mais significativas delas. Tudo o que pulveriza à nossa volta. A ideologia dominante vai compondo com os fragmentos um mosaico enganador, totalidade homogêneas. Benjamin enxerga na psicanálise instrumentos conceituais preciosos para reagir contra a homogeneização perversa, para recuperar a riqueza de cada fragmento. E para nos ajudar a insistir em "escovar a história e contrapelo".

Temos, portanto, um quadro sintomático. Numa área bem delimitada da filosofia da história, cinco pensadores marxistas importantes de um mesmo período histórico, movidos por preocupações que os aproximavam uns dos outros, fizeram avaliações bastante diferentes da psicanálise e da sua relação com a história.

NOTAS

Sei que não é natural acrescentar notas de pé de página num artigo de jornal. Não quero, porém, que venham a me acusar de ter deturpado as palavras dos autores que citei. Por isso, faço questão de remeter os leitores ao texto preciso em que colhi as citações.

(1) - *Organisation und Illusion*, Georg Lukács, ed. Luchterhand, Neuwied, 1977, p. 135.

(2) - *Concepção dialética da História*, Antonio Gramsci, tradução de Carlos Nelson Coutinho, ed. Civilização Brasileira, Rio, 1967, p. 138.

(3) - *Passato e presente*, Antonio Gramsci, ed. Einaudi, Torino, 1954, p. 217.

(4) - *Idem*, p. 216. Em seguida vem a brincadeira sintomática "o inconsciente só começa depois de uma renda de algumas dezenas de milhares de liras".

(5) - *Studies in a dying culture*, Christopher Caudwell, ed. John Lane the Bodley Head, Londres, 1949, p. 158.

(6) - Citado por Luiz Bicca em *Marxismo e liberdade*, ed. Loyola, São Paulo, 1987, p. 75. Embora o livro *O princípio esperança* só tenha sido publicado em 1956, a perspectiva de Ernst Bloch já estava amadurecida antes da sua ida para os Estados Unidos (em 1938). Por isso, acho que seu pensamento pode ser incluído no quadro dos anos trinta.

(7) - *Edipo e o anjo*, Sérgio Paulo Rouanet, ed. Tempo Brasileiro, Rio, 1981. Rouanet é também o autor de *Teoria crítica e psicanálise* (ed. Tempo Brasileiro, 1983), que examina as relações entre a "Escola de Frankfurt" e a psicanálise.

(8) - *Obras escolhidas de Walter Benjamin*, tradução de S. P. Rouanet, vol. 1, editora Brasiliense, São Paulo.